



Autoridade e Poder na Igreja

Dom Robinson Cavalcanti*

Magno Mistério

A Igreja é dotada de uma natureza peculiar: divinamente criada e humanamente constituída. Esvaziada da sua sacralidade nada mais seria do que uma ONG. Despida de seu mistério o que teríamos seria uma nova sociedade lítero-atlético-recreativa. Nova Aliança e Povo de Deus, Raça Eleita e Nação Santa, Assembléia dos Remidos e Corpo de Cristo. Uma eclesiologia que não é Teologia transforma-se em Sociologia. O secularismo racionalista e hedonista da modernidade e da pós-modernidade tem concorrido para uma crise de identidade e propósitos, e, porque não dizê-lo, também, uma crise de fé.[]

"Todo poder vem de Deus" nos ensina Paulo, e enfatiza Agostinho. Todo poder é destinado a ser ministro de Deus, agente do Reino, igualmente nos ensina o apóstolo aos gentios. A Igreja é sinal e sacramento de Deus na História, dotada de uma teleologia e de uma eclesiologia, mas embotadas pelo denominacionalismo, o sectarismo e o personalismo contemporâneos. Poderes seculares e eclesiásticos que refletem um conflito de "potestades" - do bem e do mal - em Agostinho, no passado, e em Jacques Ellul nos anos recentes. "Todo poder me foi dado, e vos é dado" é afirmativa e promessa do Messias à comunidade messiânica.

O mistério da autoridade e do poder se vive e se exercita, se obedece e se faz obedecer. As Sagradas Escrituras, a reverente Tradição, a meditação e a contemplação alimentam uma espiritualidade de um povo onde o poder e a autoridade, são exercidos, iluminados e assistidos pelo Espírito Santo. Nunca, e nunca, poderemos nos esquecer e minimizar essa dimensão, se formos cristãos e quisermos que a Igreja continue Igreja. Dimensão que, simultaneamente, tem uma ontologia e uma antropologia, que implica em tempo e espaço, em História, cultura e conjuntura, em finitude e em morte, em tragédia e em miséria, em fatos, *eros* e *tanatos*. Ajuntamento de pecadores, o mal em seu meio não deve surpreender, pois é da natureza das coisas, na plena humanidade, que é plena pecaminosidade, "*simul justus et peccator*", que, apesar da "maravilhosa graça", faz-se, tantas vezes, o mal que não se pretende e não o bem que se almeja. Nada do que é humano lhe é estranho, inclusive a ambigüidade moral e a "obra da carne".

O pó e associados

Percebemos a Comunhão Anglicana como um ator na ordem internacional, com assento ao nível de observadora na Organização das Nações Unidas (ONU) e em

* O autor é bispo da Diocese Anglicana do Recife e presidente da Junta Nacional de Educação Teológica



vários fóruns e instâncias onde as vozes das gentes organizadas se fazem ouvir. Ente internacional que se move (interage, reflete, se choca) com outros entes, assemelhados ou dessemelhados, refletindo interesses e ideologias. A Comunhão Anglicana refletiu uma ordem imperial (a britânica), estando com ela intimamente associada, e se move hoje sob a "Pax Americana", tendo como um dos seus membros comungantes o presidente do Banco Mundial. Os Estados anglo-saxões-brancos-capitalistas não formam mais a maioria dos eclesianos, mas, de longe, e por longo tempo, continua a formar a maioria dos financiadores. No Reino Unido somos ente de Direito Público, braço religioso do Estado na Inglaterra, com nomeações reais e assentos parlamentares. Relações Internacionais e Direito Internacional Público: idealismo ou realismo? Reação, reforma ou revolução? Profetismo ou aparelho ideológico ?

Somos tão humanos que o nosso líder - o Arcebispo de Cantuária - é nomeado pela rainha, por indicação do Primeiro-ministro, dentre uma lista de nomes sugeridos por uma Comissão da Igreja... nomeada pelo Primeiro-ministro... Da Antiguidade herdamos o verticalismo; com a modernidade nascemos com o Absolutismo, do medievo vivenciamos o Feudalismo (Dioceses), e, parafraseando a história pátria, as capitânicas-hereditárias e as sesmarias de nossas Paróquias e Missões, com suas famílias "nobres", com suas dinastias e seu nepotismo, seu machismo e seu racismo, iguais no céu e desiguais na terra. De Roma herdamos o que ela recriou do sacerdotalismo judaico, com muitos das suas misérias e pouco das suas grandezas, com a tribo de Levi sendo substituída pelo clericalismo, com uma casta monopolizadora do saber Sagrado e do poder sacralizado.

Ao longo dos séculos fomos sofrendo a influência do presbiterianismo, com nossos Sínodos e Concílios, com o laicato presente e representado, em um sistema de pesos e contra-pesos, sem nos esquecermos que o consistório de Genebra foi além da aristocracia, substituindo-a pela burguesia, dos ascetas trabalhadores, poupantes, temperantes, como "eleitos de Deus". No lugar do medo do sagrado tremendo, a tirania da pureza por recalque, na neocristandade chata, espaço para relações existenciais sado-masoquistas: sofrer e fazer sofrer, satanizando-se o prazer. As representações laicas nos Sínodos e Concílios ecoaram a nova classe dominante, seu interesse e sua ideologia, sem os extremos do não-conformismo: "No king, no bishop". Tradição que, com todos os pesares, permitiu o novo sem iconoclastia. Da Igreja como Ecclesia, como expressão religiosa da assembléia popular grega, que era, ela mesma, uma assembléia aristocrática (sem lugar para a mulher, o pobre, o escravo e o estrangeiro), passamos pelo basismo anabatista e criamos os espaços para as assembléias paroquiais, onde se deve prestar contas, ouvir o povo e escolher representantes.

Formalmente, o anglicanismo tentou evitar os extremos e construir uma síntese, um equilíbrio, além da Monarquia Absoluta Episcopal, do parlamentarismo burguês presbiteriano e do assembleísmo basista anabatista:



Paróquia que é, sociologicamente comunidade, com suas relações primárias = íntimas, duradouras e alto controle social (não-respeito à privacidade), com sua mobilidade vertical e horizontal, com suas buscas de estima, prestígio e status, e os micro-cosmos e entrechoques dos grupos constitutivos, os seus sodalícios e movimentos.

Diocese que teima em ser comunidade e se torna sociedade, como sociedade é a Província, com suas relações secundárias: funcionais, superficiais, descontínuas e baixo grau de controle social (maior respeito à privacidade), com cooperações e conflitos, com eleições e cooptações, com campanhas e expurgos, com lideranças e partidos, com apogeu e ostracismo, ou seja, social, humana, normal, espaço de seres humanos e não de seres angélicos.

Paróquias, Dioceses, Províncias, que são, também, (e sempre) instituições, com sede e foro, estatutos registrados em cartório, livros de atas, CNPJ, logomarca, papel timbrado, carimbos, firmas reconhecidas, contabilidade e "segundo vice dito", como manda o figurino e a Lei dos homens, ou seja, de nós.

Mistério no pó

Que mistério é vivenciado e organizado, sob positivas conquistas da ordem burguesa, com a igualdade perante a Lei, a supremacia da Lei como expressão de um Contrato Social que a todos obriga e a ninguém é permitido desconhecer, e cuja legitimidade decorre da sua elaboração por uma assembléia constituinte, de livre, honesta e sincera escolha?

O poder difuso ou personalizado é substituído pelo poder institucionalizado (Duverger) e a legitimidade tradicional ou carismática é substituída pela legitimidade racional-legal (Weber), embora mais claramente e simetricamente no Estado do que na Igreja.

Constitucionalismo com pirâmide legal e hierarquia de leis expressas na Constituição da Providência (IEAB), nos Cânones Gerais, nos Cânones Diocesanos e nos Estatutos Paroquiais, e os mecanismos de controle da constitucionalidade das leis.

Assembléias Paroquiais, Concílios e Sínodos como plenárias da instituição, Conselhos de Missão, Juntas Paroquiais, Conselhos Diocesanos e Conselho Executivo Provincial como órgãos do "poder legislativo", o Primaz, o Diocesano e o Pároco como "poder executivo" e os tribunais eclesiásticos provinciais e diocesanos como "poder judiciário"...

Anglo-católicos, liberais e evangélicos compõem os nossos "partidos", e, como bons partidos se subdividem em "tendências" (carismáticos, calvinistas, fundamentalistas etc.), "rachas", coalizões, acordos, frentes e personalidades.



Tem que ser assim? Tem.

Assim se dá a vida em sociedade, e não há grupo, comunidade, sociedade ou instituição sem poder, porque sem poder não há norma, nem autoridade que a implemente; sem poder não há vida social, mas o caos.

A Igreja humana é uma sociedade política. Essa é a grande e inquestionável verdade a ser assumida, entendida e vivenciada por nós, gente, na história, na cultura e na conjuntura para realizarmos a missão ou para perpetuarmos a instituição, nossos postos, nossos status e nossos salários.

Essa herança burguesa não seria, como valor universal, uma expressão de revelação? A tentação teocrática fundamentalista, não tem sempre embutida um risco de tirania e despotismo dos "líderes iluminados" com linha direta com o céu? É claro que, por outro lado, as assembleias basistas são manipuláveis, e a representatividade legal pode dar lugar a aristocracias ou oligarquias eclesiásticas.

No céu é diferente. Entre os anjos, idem. É melhor que o pó se assuma e se conheça, do que se auto-engane (e engane) com a negação pseudopiedosa, de que "fomos concebidos em pecado", e que, em nós, vasos de Deus, habita o ódio e a ambição, a inveja e a desonestidade. Assumir o pó não é optar por ele ou se contentar com ele.

Os cristãos não crêem na "bondade natural", de Rousseau, nem na "maldade incurável" de Maquiavel, mas na regeneração e na caminhada da santidade, em que o oleiro transforma pó em vasos, os purifica e os usa.

A Igreja deve ser analisada pelas Ciências Humanas para o seu próprio bem: a História, a Antropologia, a Política ou a Psicologia permite uma mais adequada e verdadeira imagem de si mesma, e a percepção da maior ou da menor distância do ideal do mistério, a maior ou menor distância entre carnalidade e santidade, entre mundanismo e discipulado.

Continua a valer a fórmula neotestamentária para a eleição do substituto de Judas, o Iscariotes: "Pareceu-nos bem ao Espírito Santo e a nós". Eles: a) apresentaram candidatos; b) oraram; c) lançaram sortes.

O anglicanismo pretende ser uma "via média", uma catolicidade reformada, um espaço de equilíbrio, moderação e bom senso, diante das polarizações e dos extremismos, um espaço de inclusividade diante da intolerância.

A reflexão científica nos descreve, a reflexão filosófica desafia a realidade descrita com a Ética, a reflexão teológica ilumina a realidade e a ética com o projeto do Reino de Deus.



As portas do inferno não prevalecerão. Os abatidos serão exaltados e os exaltados serão abatidos. Dois mil anos de conchavos não destruíram a Igreja. Há mistério nesse pó... até que um dia haja "um novo céu e uma nova terra", um pó diferente e a plena revelação do mistério.